

O Pregão de S. Nicolau



Recitado em
5 de Dezembro de 1946
pelo aluno do 5.º ano

Armando Osvaldo Ribeiro da Silva

GRÁFICA MINHOTA-GUIMARÃES 1000 EX.-2-12-946

Em fulmínio lampejo acorda a louca fama,
E a sua tuba diz, e ao mundo agro proclama,
Que é vida a Tradição e que p'ra sempre existe
Nesta Terra d'amor onde ela só subsiste,
Porque a lectícia nossa empresta luz e vida
E a nossa capa negra a recebe em guarida.
A festa de Nicolau é bem parte integrante
Da sua alma louçã, juvenil e ôvante.
Sim! Pode um dia o sol resfriar a matéria
Bem como o gelo arder nos confins da Sibéria...
Mas nunca em Guimarães as **Festas Nicolinas**
Despresadas serão p'los capas e batinas.

A mocidade é bela, é como a luz d'aurora!
Dissipa a treva toda e vai pelo mundo fora
A impor sua alegria e seu festão de rosas,
Das mais lindas de Abril, rubras e olorosas.
Ela imprime por si conjunto à Natureza
Dando-lhe tons ridentes e laivos de beleza.
A mocidade é bela e é na nossa vida
A idade em que a dor 'inda não é vivida!
E assim ela aqui está, connosco aqui se acha
A apontar-nos o norte e a ordenar a marcha.

* * *

Recordemos agora os mortos com saudade,
Dando-lhes o descanso e a suma Eternidade,
E rezemos baixinho, em nós, uma oração...
Que bem mitigue a dor em nosso coração!

* * *

Em UNO esforço o mundo anseia de se unir
Para manter a paz no presente e porvir.
Quer construir de vez o seu alto ideal
Fundado só no Bem p'ra combater o Mal.
Deseja ver por terra, assim, a tirania
E zurzir com rancor quem tente rebeldia.

Porém isto não é senão um vão desejo...
Porque andando p'ra traz, lembrando um caranguejo,
Só promove sessões donde advém o pleito
Gerador da discórdia... e logo nada é feito!

* * *

Convencendo se vai a gente de-mansinho
Que é melhor e faz bem, não se beber mais vinho;
Que o bacalhau, deitada a rede, não vem nela;
Que a batata excedeu, há já muito na tabela;
Que a massa já não vem de Itália nem d'América;
Que, agora, o azeite é uma coisa quimérica;
Que o racionamento é uma realidade
Oh! que perdurará por toda a eternidade!
Que p'ra sempre acabou o arrô, o feijão;
E que, hoje, se transforma em bolas o sabão!

Que jãmais morrerá alguém co'os diabetes
Visto o açúcar faltar e a cana dar foguetes;
Não podemos comer, como dantes, sardinhas
Assadas a granel na boa Sôr'Aninhas!
Convençamo-nos, sim! Tenhamos paciência,
Pois sempre nos faz bem fazer abstinência.

Guimarães, ó querida e velha Guimarães,
Excedes em donaire a Paris e Orleães!
Teu desenvolvimento e civilização
Orgulha os filhos teus, como toda a nação.
A própria Mumadona ao ver-te, assim, um dia,
Contigo, Guimarães, 'spantada ficaria,
Pois quando te deixou, eras criança ainda,
E hoje és já mulher e tens beleza infinda!
No tempo em que viveu, nada decerto tinhas
Que defenisse bem teus traços ou as linhas!
Não tinhas na Avenida uma «chic» estação
Ou na Penha e S. Pedro ouvias carrilhão,
Os bancos do Toural e os bancos do Jardim
Pintadinhos de fresco e da côr do carmim;
O **Campo do Amorosa** — essa obra de glória —,
Não havia também, nem o «Santo Vitória»
Que no jogo da bola, e apenas por seus brios,
Tantos rivais batesse em grandes desafios!
No centro do Toural, entre arbustos floridos,
Um monumento assim aos «gén'ros desconhecidos»:
O «laço», para os cães que faziam das suas,
Em só pôr cheiro mau nas tuas limpas ruas;
Não tinhas, como agora, as lindas tabuletas
Co'os malditos sinais, em que avultam as setas,
A indicar o caminho, a marcha e direcção
Que melhor servirá para matar um «peão»;
Não se gastava, oh não, tanto impresso papel
Em só reproduzir as loas do «Azemel»;
Não tinhas como hoje, em ideal e anelo,
O projecto rial do **Parque do Castelo**.
Muito embora existisse então, a pedregosa
Ponte de Serres já velha e mui ruinosa...
Do correio a maldita e reles traquitana
Co' o seu lázaro burro e carga deshumana;
Ao grande Molarinho, em honra e memória,
Monumento que até honra os da prè-história;
E os palácios pagãos, ali, de S. Tiago
Abraçando o jardim em delicado afago...
Nada tinhas então, é certo e é verdade (!),
Além do teu pendão de franca lealdade...
Mas, olha: — desconfia e sempre, ó Guimarães,
Quando te falem sobre aquilo que ora tens...
Só podes ufanar-te, e com toda a razão,
Sempre que digam que és o berço da Nação!

Na festa a **NICOLAU** não há admissão
Para ti, caixeirinho e moço de balcão!

Nem tu podes, pipi, — mas vá, não tenhas pelo —,
As ruas passear com poupas no cabelo!

Mas também para ti, que só a sola bates,
Proibido será que faças disparates!

Ó mestra do dedal, gentil costureirinha,
De quem a rósea boca amor sempre adivinha:
Tens gracil porte e tens os lindos sonhos ledos
Que dão graça e perfume aos teus melhores segredos.
Deposita em nós, pois, amor que seja vida
E terás afeição... que não é fementida.
O nosso estudo é feito de coisas belas
E só fala de amor, do céu e das estrelas!

Tricaninhas, de andar tão leve e tão galante!
Co'a vossa chinelinha alacre e saltitante,
Mais vossa ingénua graça e riso sedutor,
Subi assim, connosco, aos páramos do amor!
Vinde escutar baixinho, à luz das madrugadas,
As dolentes canções que são nossas baladas...
Vinde, pois, que por vós o coração palpita
Dentro do nosso peito e com máguia infinita!

E vós, damas gentis, ouvi e escutai!
Este nosso **PREGÃO** quase que no fim vai...
Mas, antes que se acabe, eu direi que amanhã
É dia de entregar nossa loira maçã
Na ponta duma lança, erguida ao alto e em riste,
Como em luta medieva a que se não resiste.
É só por este gesto e tanta fidalguia,
Por tanta distinção, amor e galhardia,
Que rogamos em troco, e mais não é preciso,
A esmola duma graça e a esmola dum sorriso.

— Companheiros! Estão findas as nossas tretas!
E postas bem ao alto as vossas maçanetas
Num toque nicolino, infrene mas potente,
Nos zabumbas batei, mas impiedosamente,
Com vosso pulso forte, ao meio, bem no centro!
Dai-lhes riço (ó égua!) e as peles que vão dentro,
P'ra que o ruído lembre aos grandes militares
Depósitos de pólvora a irem pelos ares...
Rufai, rufai conforme o mande o catatau,
Que a festa nossa é, e honra a **NICOLAU**.

Dezembro de 1946.

Joaquim do Amaral Pereira da Silva

Vizado pela Comissão de Censura